

SEGURANÇA NO ORIENTE MÉDIO: A TCRS E O CONFLITO ISRAELO-IRANIANO

SECURITY IN THE MIDDLE EAST: THE TCRS AND THE ISRAEL-IRANIAN CONFLICT

SEGURIDAD EN ORIENTE MEDIO: LA TCRS Y EL CONFLICTO ISRAEL-IRANÍ

Irla Avelino¹
Débora Régis²

*Recebido em: 09 de março de 2023
Aceito em: 04 de dezembro de 2023*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, através da metodologia do process tracing, analisar o conflito envolvendo Israel e Irã e suas consequências locais e regionais. Para isso, a análise será feita com base nos estudos de Barry Buzan e Ole Waever sobre a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança, desenvolvida para entender como as dinâmicas de poder regionais influenciam questões de segurança. Desse modo, este trabalho resume brevemente os momentos de cooperação entre Israel e o Irã até o início das hostilidades, buscando mostrar como o desenvolvimento do programa nuclear iraniano dificultou as relações entre os países e como este conflito afeta a dinâmica das relações entre os diferentes Estados da região.

Palavras-Chave: Irã; Israel; complexos regionais; programa nuclear.

ABSTRACT

This article aims, through the process tracing methodology, to analyze the conflict involving Israel and Iran and its local and regional consequences. For this, the analysis will be based on the studies of Barry Buzan and Ole Waever on the Theory of Regional Security Complexes, developed to understand how regional power dynamics influence security issues. Thus, this work briefly summarizes the moments of cooperation between Israel and Iran until the beginning of hostilities, seeking to show how the development of the Iranian nuclear program has hindered relations between the coun-

1. Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba, integrante do Centro de Pesquisa em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR), bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Contato: irla.menezes@aluno.uepb.edu.br

2. Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba, integrante do Centro de Pesquisa em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR) e do Grupo de Pesquisa sobre Realismo Periférico e a obra de Morgenthau na atualidade, além de fellow student da Stand With Us Brasil. Contato: debora.regis@aluno.uepb.edu.br

tries and how this conflict affects the dynamics of relations between the different states of the region.

Keywords: Iran; Israel; regional complexes; nuclear program.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo, a través de la metodología de seguimiento de procesos, analizar el conflicto que involucra a Israel e Irán y sus consecuencias locales y regionales. Para ello, se realizará un análisis basado en los estudios de Barry Buzan y Ole Waever sobre la Teoría de los Complejos de Se-

guridad Regional, desarrollados para comprender cómo las dinámicas de poder regionales influyen en los temas de seguridad. Así, este trabajo resume brevemente los momentos de cooperación entre Israel e Irán hasta el inicio de las hostilidades, buscando mostrar cómo el desarrollo del programa nuclear iraní dificultó las relaciones entre los países y cómo este conflicto afectó la dinámica de las relaciones entre los diferentes estados de región.

Palabras Clave: Irán; Israel; complejos regionales; programa nuclear.

INTRODUÇÃO

Segundo relatório anual de 2022 do *Heidelberg Institute for International Conflict Research*³, o sistema internacional vem enfrentando uma escalada no número de conflitos ao redor do mundo, em especial na região do Oriente Médio. Os dados deste relatório corroboram o argumento de Barry Buzan e Ole Waever (2003) de que as nações do Oriente Médio, bem como suas dinâmicas de segurança, nasceram de conflitos, em especial nos anos pós-Imperialismo europeu na região, e tais hostilidades se perpetuam até os dias atuais. Desse modo, entendendo a importância da temática para os estudos de Segurança e Relações Internacionais, o presente artigo traz uma análise acerca do conflito entre Israel e Irã e as questões de segurança acarretadas pelo mesmo, que traz consequências não só a nível local, mas afeta toda a região do Oriente Médio, além de trazer o elemento nuclear para o conflito.

Nesse sentido, este trabalho traz como hipótese central a questão nuclear como fator de projeção regional do conflito, ultrapassando as fronteiras de seus Estados principais. Assim, para entendermos como se iniciou o conflito e como a questão do desenvolvimento nuclear pode ser um fator ímpar para compreendê-lo, utilizamos da metodologia do *process tracing*, que permite analisar uma cadeia de acontecimentos, chamados também de variáveis, e gerar inferências sobre as hipóteses que visam entender os resultados de tais processos (Bennett; Checkel, 2012; De Lima,

3. O relatório completo, bem como outros arquivos e dados, pode ser encontrado em: <<https://hiik.de/conflict-barometer/bisherige-ausgaben/?lang=en>>

2017). Logo, buscaremos traçar, em conjunto com a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança, de Barry Buzan e Ole Waever (2003), lente teórica deste trabalho, como o conflito se iniciou, o que mudou com a introdução do elemento nuclear e como isso é central à problemática.

Assim, o artigo se divide em três partes, a fim de, de um modo conciso, aplicar a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança às particularidades do conflito israelo-iraniano. Logo, a primeira parte se dedica a expor os principais pontos da teoria desenvolvida por Buzan e Waever. A segunda parte apresenta, por sua vez, um panorama geral das relações entre os governos de Tel Aviv e Teerã, desde os anos de cooperação até o início das hostilidades. A seguir, a terceira parte expõe como o conflito se expandiu para uma problemática regional, principalmente tendo em vista o desenvolvimento do programa nuclear iraniano.

A TEORIA DOS COMPLEXOS REGIONAIS DE SEGURANÇA E O ORIENTE MÉDIO

A Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS) foi desenvolvida por Buzan e Waever (2003) com o objetivo de analisar as novas dinâmicas de segurança no mundo pós-Guerra Fria, focando-se em arranjos regionais de poder e a relativa, porém crescente, autonomia de tais relações na política internacional. Ademais, o período estudado pelos autores sofreu uma grande influência dos processos de descolonização e formação de novos Estados em regiões outrora dominadas pelas superpotências mundiais, como a Ásia e a África (Buzan; Waever, 2003), o que corrobora com o empenho em analisar as realidades específicas dessas áreas geográficas. Assim, ao analisarem o fim da ordem bipolar e os crescentes arranjos regionais de poder, os autores convergem com a abordagem neorrealista⁴ ao buscarem entender a relação entre estrutura, distribuição e dinâmicas de poder, ao passo que também são influenciados pelo Construtivismo, ao analisarem como as questões de segurança são criadas através de

4. Apesar de Buzan e Waever entenderem a importância de analisar as relações entre estrutura e unidades, tais autores compreendem que se afastam da visão neorrealista ao passo que esta confere demasiada importância ao nível global das relações de poder e segurança, enquanto a TCRS dá ênfase a uma perspectiva regionalista (Buzan; Waever, 2003).

processos políticos e de variáveis locais específicas (Buzan; Waever, 2003).

De acordo com Buzan, Waever e De Wilde, em sua obra *Security: A New Framework for Analysis*, os complexos de segurança podem ser definidos como “um conjunto de unidades cujos principais processos de securitização, dessecuritização ou ambos estão tão ligados que não podem ser razoavelmente analisados ou resolvidos separados um do outro” (1998, p. 201). Tal definição elucida o argumento dos autores de que, para a maioria dos Estados, seus problemas de segurança são influenciados por seus vizinhos, alegando uma distinção entre as dinâmicas de segurança entre os níveis global, regional e estatal (Buzan; Waever, 2003). Dessa maneira, compreende-se que entre as unidades partes desses complexos existe uma relação de interdependência de segurança. Logo, os autores argumentam que estes complexos são definidos a partir de padrões de amizade e inimizade entre as unidades, afetados por questões geopolíticas e históricas comuns. Assim sendo, para os fins deste artigo, cabe focarmos no complexo regional do Oriente Médio e suas particularidades.

Em sua obra *Regions and Power: The Structure of International Security* (2003), Buzan e Waever argumentam que o Oriente Médio, apesar da interferência de potências estrangeiras e de uma parte considerável de seus Estados terem sido alvos do imperialismo ocidental, é uma região com um considerável nível de autonomia quando se trata de segurança e relações de poder. Para os autores, essa área de interdependência cobre desde o Marrocos até as fronteiras com o sudeste asiático, envolvendo desde países árabes até Israel (Buzan; Waever, 2003). Assim, para a teoria dos CRS, o complexo do Oriente Médio teria sido formado de uma maneira conflituosa, visto as tensões experienciadas entre os Estados da região, em especial no período pós-colonial e tendo os conflitos regionais hodiernos raízes em tais instabilidades (Buzan; Waever, 2003).

Não obstante, é ímpar observar que, em se tratando de uma região tão complexa e com atritos tão perenes, como destacam Buzan e Waever (2003), seus conflitos logo tomam proporções transnacionais. É nesse contexto que os autores afirmam que, não possuindo traços culturais compartilhados - para além da religião, na maioria dos casos- e coesão social doméstica, os países do Oriente Médio baseiam suas relações de segurança a partir de símbolos e

conflitos partilhados com seus homólogos, como é o exemplo das tensões entre boa parte da região e Israel (Buzan; Waever, 2003). Assim, os autores argumentam que sem um fator comum, seria muito difícil caracterizar apenas um único Complexo Regional para o Oriente Médio (Buzan; Waever, 2003).

Além disso, a falta de coesão social também é um ponto sensível para a região. Como demonstram os teóricos,

Fortes ligações entre regimes autoritários, recursos petrolíferos, capital internacional e alianças com grandes potências permitiram que os Estados [...] mobilizassem extensas forças de segurança interna para suprimir suas populações e desvincular seus regimes da sociedade civil (Buzan; Waever, 2003, p. 194, tradução nossa⁵).

Dessa maneira, muitos conflitos envolvendo a esfera doméstica dos Estados do Oriente Médio logo se espalham para a esfera regional, pois diversos grupos, sobretudo islâmicos, não conseguem construir alianças políticas concretas e acabam por fragmentar e rivalizar suas atuações. Assim, muitos desses grupos locais que possuem algum tipo de aliança ou compartilham do mesmo inimigo com seus homólogos regionais recebem o suporte deles em conflitos domésticos, pulverizando as consequências do mesmo para outras áreas e atores da região (Buzan; Waever, 2003).

Logo, por sua complexidade, grande extensão geográfica e seu vasto número de Estados, o CRS do Oriente Médio é dividido em três subcomplexos: o Golfo Pérsico (Arábia Saudita, Irã, Iraque, Omã, Emirados Árabes, Catar, Kuwait, Bahrein e Iêmen), o Levante (Israel, Palestina, Síria, Egito, Jordânia e Líbano) e o Magrebe (Líbia, Sahara Ocidental, Marrocos, Tunísia e Argélia). Assim sendo, o Levante e o Golfo Pérsico, segundo os autores, seriam subcomplexos de influência mútua, principalmente tendo em vista o Pan-Arabismo⁶ e todo o movimento do *mundo islâmico* no Oriente Médio, tendo os conflitos nessa região se aprofundado com as tensões entre países islâmicos e Israel, em especial o Irã (Buzan; Waever, 2003). Central para a problemática apresentada por este trabalho,

5. "Strong links among authoritarian regimes, oil resources, international capital, and great power have allowed rentier states to deploy extensive internal security forces to suppress their populations and delink their regimes from civil society."

6. "O Pan-Arabismo designa o movimento cuja premissa central é que os povos do mundo árabe constituem uma só nação unida por património linguístico, cultural, religioso e histórico comum, apelando ao comunismo supranacional entre os Estados árabes baseado em preceitos nacionalistas, seculares e estatizantes [...]" (Pinto, 2016, p. 84).

Israel também é considerado por Buzan e Waever como um catalisador de diversos conflitos ao longo do complexo do Oriente Médio e, em maior ou menor grau, as tensões com tal Estado envolveram boa parte dos países islâmicos da região, além de agentes não estatais, como os grupos Hamas⁷, Hezbollah⁸ e a Organização para a Libertação da Palestina⁹ (Buzan; Waever, 2003). Outro Estado central para este trabalho, o Irã, um país persa e islâmico, parte do subcomplexo do Golfo, também é uma peça-chave para entender as relações de segurança no Oriente Médio, principalmente tendo em vista suas tensões tanto com outros países do seu subcomplexo, como o Iraque e a Arábia Saudita, quanto com países externos ao mesmo, como Israel.

O CONFLITO ISRAEL-IRÃ SOB UMA PERSPECTIVA LOCAL

Irã e Israel, como já exposto, fazem parte de um mesmo complexo regional e, de maneira mútua, influenciam as questões de segurança um do outro, em especial após a década de 1970, tendo suas relações abertamente hostis uma datação recente, apesar das antigas tensões entre mulçumanos e judeus na região (Buzan; Waever, 2003; Feldberg, 2006; Kaye et al, 2011). Com isso, é de extrema importância que analisemos como as relações entre tais Estados evoluíram de brandas para hostis em um espaço curto de tempo e como suas questões de segurança estão fortemente interconectadas, levando em consideração a visão doméstica de cada um em relação ao outro. Para tal, tomemos como referência temporal o período pós-independência de Israel, envolvendo, também, os períodos pré e pós-Revolução Iraniana.

7. Também conhecido como Movimento de Resistência Islâmico, o Hamas foi fundado em 1987 após revolta popular palestina, denominada Primeira Intifada (1987-1993), e tem como principal objetivo a substituição do Estado de Israel por um Estado palestino, cobrindo os territórios que vão desde a Faixa de Gaza até a Cisjordânia. Para aprofundamento no assunto, recomenda-se: Lopes, 2014.

8. O Hezbollah é um partido político xiita e um grupo militar que se originou no Líbano em meados de 1975, quando da guerra civil enfrentada pelo país. Apoiado pelo Irã, o grupo é conhecido pela sua oposição ao Estado de Israel e à influência exercida pelo Ocidente na região. Para aprofundamento no assunto, recomenda-se: Gleis, Berti, 2012; Norton, 2014; Robinson, 2020;

9. A OLP, fundada em 1964, é uma entidade responsável por representar o povo palestino e possui identidade jurídica internacional reconhecida. Para aprofundamento no assunto, recomenda-se: Buzetto, 2012; Sloboda, 2015; Gomes, 2020.

Os Anos De Cooperação

Desde sua guerra de independência (1948-49), que reuniu Estados árabes contra o recém-criado Estado, Israel, por meio da chamada Doutrina da Periferia¹⁰, tentou se aproximar de países não-árabes localizados na região, em especial o Irã, que, mesmo não reconhecendo sua independência formalmente de imediato, mantinha relações tácitas de cooperação com o país (Kaye et al, 2011). Nesse cenário, as tensões com seus vizinhos árabes fizeram com que Israel adotasse uma posição defensiva em relação a seus desafios de segurança, dando grande foco na estruturação de um exército forte (Cohen-Almagor; Guiora, 2020). Não obstante, seus laços com o país persa foram sendo estreitados a partir da década de 1950, pois havia certo receio de ambas as nações em relação ao movimento do Pan-Arabismo na região e, principalmente, a ascensão do Iraque sob o regime de Saddam Hussein, um inimigo comum para o Irã e para Israel (Kaye et al, 2011). Além disso, a cooperação entre os países também era alimentada pela influência dos EUA no governo de Tel Aviv e seu apoio ao regime de Teerã, de modo que, no contexto da Guerra Fria, tais relações também visavam o afastamento da União Soviética da região (Feldberg, 2006; Simon, 2010).

Assim, enquanto as tensões com as nações árabes e Israel continuavam latentes, destacando-se os conflitos durante a Guerra dos Seis Dias (1967)¹¹ e a Guerra do Yom Kippur (1973)¹², as relações deste Estado com o Irã eram bastante promissoras, em especial durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, quando trocas econômicas e a cooperação energética, por exemplo, eram intensas (Simon, 2010;

10. A Doutrina da Periferia foi formulada pelo primeiro-ministro israelense David Ben-Gurion, na década de 1950; "It was based on the premise that Israel would have to establish close relations with the region's non-Arab countries to protect itself from hostile Arab neighbors." (KAYE et al, 2011, p. 10)

11. Conflito envolvendo Israel e países árabes da região, como Egito, Síria, Iraque e Jordânia, iniciado em junho de 1967 após meses de tensão nas regiões fronteiriças entre os países. O conflito também contou com o apoio de forças internacionais, como a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e os Estados Unidos, e outros países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita. Para maior aprofundamento na temática, recomenda-se a leitura de: Gat, 2005; Bunch, 2008

12. O conflito, conhecido também como Guerra do Ramadã, é considerado consequência direta dos enfrentamentos de 1967, e envolveu, basicamente, os mesmos atores. Foi considerado um evento de grande impacto nas dinâmicas regionais, sobretudo securitárias e econômicas, visto que, em consequência do conflito, iniciou-se a Primeira Crise do Petróleo. Para maior aprofundamento no assunto, recomenda-se a leitura de: Bolia, 2004; Kumaraswamy, 2013.

Kaye et al, 2011). O aprofundamento dos laços entre os países era estratégico e, enquanto Israel diminuía seu isolamento diplomático na região, o Irã buscava imprimir, cada vez mais, sua influência no Golfo Pérsico (Simon, 2010).

O Início Das Hostilidades

No entanto, ao passo que a política interna iraniana ia se desgastando em meio à crise entre a elite que estava no comando e as forças sociais e religiosas que exigiam mudanças (Ferreira; Galvão, 2021), as relações de cooperação entre Israel e o país persa também foram enfraquecendo. Assim, com a Revolução Iraniana de 1979, a queda do Xá Reza Pahlavi e a chegada do aiatolá Khomeini ao poder, a política externa do Irã adotou um tom mais ideológico e assertivo em relação aos seus vizinhos, em especial às nações árabes e, claro, Israel, alcunhado de “a entidade sionista” pelo governo pós-revolucionário (Kaye et al, 2011; Cohen-Almagor; Guiora, 2020). Assim, os discursos do líder supremo Khomeini passaram a carregar um tom que ia de encontro ao povo israelense e seu Estado¹³ (Pamplona, 2007; Kaye et al, 2011).

Por outro lado, a ameaça iraquiana ainda era bastante visível no Oriente Médio e a invasão do país ao Irã, em 1980, fez com que o governo de Teerã ponderasse a respeito do seu afastamento de Israel, importante contraponto em relação ao mundo árabe. Então, como o regime teocrático de Khomeini também havia cortado alianças diplomáticas com os EUA e outros países do Oriente Médio, como os do Golfo Pérsico, unidos em uma aliança pró-regime

13. Como exemplo desses discursos, Pamplona (2007) utiliza-se da ocasião em que o líder iraniano, ao discursar sobre uma greve de trabalhadores numa refinaria de petróleo do país em 1978, afirma que Israel seria inimigo declarado do Islã: “Apparently some of the `ulama from Qum went to Abadan to study the situation there, and it was said that these 600,000 barrels of oil which are being exported are being sent to Israel. Some of the workers did not go on strike, and now 600,000 barrels are being sent abroad out of a total of some ten million barrels that were exported previously. The regime deceived these workers by telling them that this oil was to be used for the running of the country! They said it was for us! And so the poor workers carried on working. However, now it is clear from what is being said that this oil is going to Israel. It is illegal, it is sinful (haram), for this group of people who have disregarded the strike by others and have been deceived by the government into believing the oil is for domestic consumption, if they know that this oil is destined for Israel, the enemy of the Qur`an and Islam.” (Pamplona, 2007, p. 67)

de Hussein¹⁴ (Kaye et al, 2011; Do Espírito Santo; Baldasso, 2018), o Irã sofria com um grande desfalque em relação ao conflito com os iraquianos. Nesse cenário, a cooperação entre o Irã e Israel era vista como uma saída estratégica para o conflito e a ajuda do governo de Tel Aviv com equipamentos de guerra e armamentos foi crucial para as investidas contra o Iraque, mesmo tais trocas tendo sido feitas de maneira secreta (Simon, 2010; Kaye et al, 2011).

O apoio durante a guerra contra o Iraque, no entanto, não restabeleceu as relações amigáveis entre Israel e o Irã, ao passo que a Guerra do Golfo, perpetrada pelos EUA contra o Iraque já na década de 1990, deixou um vazio de poder no centro do Oriente Médio, vazio este que o Irã buscava preencher e se afirmar como uma potência regional (Kaye et al, 2011). Ademais, somado às tensões envolvendo outros atores regionais, explicitadas de maneira mais profunda nas seções seguintes, a questão do desenvolvimento de programas nucleares começava a tomar centralidade nas tensões entre os governos de Teerã e Tel Aviv. Israel, até então, não explicitava suas atividades nucleares, mesmo as tendo iniciado ainda na década de 1950¹⁵ (Silva, 2010; Lima; Freitas, 2016), enquanto o Irã, signatário do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) desde 1970, tinha um programa nuclear que era anunciado como servindo apenas para fins energéticos e de modernização do país (Lima; Freitas, 2016). Nesse cenário, durante as décadas de 1990 e o início dos anos 2000, as divergências entre os países foram se aprofundando, tendo em vista que a problemática nuclear foi ganhando cada vez mais a atenção e preocupação

14. Apesar das diversas controvérsias de seu governo, Saddam Hussein, em muitos momentos, foi considerado uma figura carismática, visto como uma liderança capaz de desenvolver domesticamente o Iraque e o transformar numa potência regional. Além disso, muito se discute sobre o papel de Hussein no mundo árabe, pois ele possuía aspirações de transformar essa grande comunidade em um ator forte não só regional, mas internacionalmente reconhecido, obedecendo a uma ordem política comum. Assim, o líder iraquiano possuía boas ligações com outras lideranças sunitas, denominação islâmica da qual ele fazia parte. Para maior aprofundamento na temática, recomenda-se a leitura de: Jibrin, 2006; Furtado, 2008.

15. O governo israelense, segundo Kristensen e Norris (2014, p. 97), possui uma “política de opacidade” em se tratando de seu programa nuclear, ou seja, suas autoridades não revelam a real capacidade nuclear do país. Logo, é uma tarefa complexa traçar a linha do tempo do programa nuclear israelense e seus avanços, bem como achar dados e informações mais precisas, em especial de fontes sólidas, para tecer comentários mais profundos sobre esse assunto. No entanto, reforçando a importância de se debater a temática, recomenda-se, para uma maior esclarecimento, a leitura de: Kristensen, Norris, 2014.

de outros atores regionais. Não obstante, além dos discursos explicitamente hostis das lideranças iranianas a Israel, em especial após a chegada do Presidente Mahmoud Ahmadinejad ao poder em 2005 (Simon, 2010), e de toda a questão do programa nuclear de ambos os países, o Irã, buscando minar o governo de Tel Aviv, utiliza-se de outros atores regionais em áreas de conflito com Israel, como o grupo libanês Hezbollah, também antissionista, ao passo que os israelenses buscaram utilizar de táticas preventivas e de dissuasão contra o Irã, visando retardar e prevenir ataques de larga escala (Kaye et al 2011; Pereira, 2021). Anteriormente, em 1981, durante a Operação Ópera¹⁶, Israel já havia demonstrado sua capacidade de defesa e dissuasão, utilizando táticas preventivas contra alvos nucleares fora das fronteiras do país, fomentando a possibilidade de ataques a alvos iranianos em algum momento (Bandeira, 2012).

Assim sendo, fica nítido que o conflito entre Israel e Irã transborda as fronteiras dos países e envolve outros atores importantes para a dinâmica política, econômica e, sobretudo, de segurança da região, corroborando com a visão trazida por Buzan e Waever (2003) de que são através das relações com os vizinhos e unidades próximas que as estruturas de securitização vão sendo formadas a um nível regional, o que será analisado adiante.

A RIVALIDADE EM UM NÍVEL REGIONAL

Para a Teoria Clássica dos Complexos Regionais de Segurança (Buzan; Waever, 2003), o subsistema regional deve ser priorizado como objeto de análise de segurança, visto que a intervenção do poder global somente pode ser compreendida através do entendimento da dinâmica regional de segurança, e as unidades, por si só, não configuram objetos de análise de segurança, visto que esta é fundamentalmente relacional. Assim sendo, estando necessariamente associados, cabe a explanação da conjuntura histórica regional que ultrapassa a rivalidade entre Irã e Israel e o desenvolvimento do programa nuclear iraniano. Para Buzan e Waever (2003), as rivalidades do subcomplexo de segurança do Golfo Pérsico concentravam-se

16. Investida israelense contra instalação nuclear do Iraque, planejada pela agência de inteligência israelense, o Mossad, é considerada uma investida do Estado de Israel para conter o avanço nuclear nocivo na região e demonstrar sua capacidade de defesa (De Oliveira, 2018).

nas relações conflituosas entre Irã, Iraque e Arábia Saudita, direcionada por disputas territoriais, competição ideológica, divisões étnicas e sectárias, busca por maximização de poder, bem como disputa por recursos naturais.

O Enfraquecimento Do Regime De Saddam Hussein E Suas Consequências Para O Irã

Nesse sentido, a Revolução Iraniana de 1979, uma coalizão de setores da sociedade que, inconformados com “ocidentalização” do Irã, instaurou uma República Islâmica de orientação xiita no país, sob liderança do clérigo Khomeini, alterou as configurações de poder do Oriente Médio, visto que o objetivo iraniano de disseminar o processo revolucionário veio a romper a convivência pacífica com seu poderoso vizinho, o Estado sunita do Iraque. Este passou a representar o maior obstáculo do líder supremo iraniano, uma vez que se tratava de um governo sunita liderado por Saddam Hussein e que controlava uma imensa população xiita. Além desse fator, disputas fronteiriças pelo Estreito de Omuz e confrontos com apoio iraniano à minorias separatistas curdas no Iraque, fazem a guerra Irã-Iraque eclodir em 1980, com o bloqueio dos principais poços petrolíferos iraquianos e o bombardeio de navios petroleiros pelo Irã em resposta à invasão do Iraque em seu território (Adam; Chaise, 2014).

Nesse contexto, Saddam contou com o apoio dos Estados Unidos, da União Soviética, Grã-Bretanha e da França, e, em âmbito regional, da Arábia Saudita, Jordânia e do Egito, ao passo que o Irã se viu isolado, apoiado apenas pela Síria, Líbia, Argélia e Iêmen. As potências ocidentais e os países do Oriente Médio que apoiaram o Iraque pretendiam conter a Revolução Islâmica e sua expansão para a região. Apesar disso, a guerra contra o Iraque funcionou para o Irã como instrumento de consolidação da Revolução Islâmica, pois pôde demonstrar ao Ocidente que o novo regime possuía condições de resistir às intervenções ocidentais e que contava com o apoio popular, além disso, com o enfraquecimento do governo iraquiano, o Irã consolida-se também como potência regional no Golfo (Adam; Chaise, 2014). Buzan e Waeber, em “*Regions and Powers*” (2003, p.37), definem como potência regional “um ator que conta na determinação da estrutura de polaridade de um complexo de segurança nacional”, e o Irã, com a

Revolução Islâmica e o “saldo positivo” da Guerra do Golfo, passa a ser parte decisiva na configuração dos pólos de poder do sub-complexo do Golfo Pérsico, ao passo que o regime iraquiano se enfraquece e perde influência.

A Invasão Do Iraque E O Programa Nuclear Iraniano

Entretanto, os condutores do novo regime iraniano percebem o isolamento regional e global, evidenciado na Guerra do Golfo, e a posse de poder nuclear do Iraque, que utilizou armas de destruição em massa contra o Irã na referida guerra, e de Israel, que, desde a sua fundação, reconhece que a sua segurança reside na auto-suficiência militar, como fatores imprescindíveis em caso de novos confrontos posteriores. A ideia do desenvolvimento de um programa nuclear passa a ser então encarada como um modo de obtenção de respeito da comunidade internacional e de sobrevivência regional (Adam; Chaise, 2014; Lima; Rato, 2007). Com a política externa estadunidense no contexto da “Guerra ao Terror”¹⁷ de efetivar presença militar no Oriente Médio e a invasão dos Estados Unidos no território iraquiano, a narrativa iraniana de que a Revolução Islâmica estava ameaçada e vulnerável ganha forças, e o desenvolvimento do programa nuclear iraniano é visto como o único meio de salvaguardar a Revolução Iraniana.

A narrativa que enfatiza a valorização do martírio propagada pelo xiismo¹⁸, corrente do islã historicamente minoritária e perseguida, se transpassa para a política externa iraniana, que visa encontrar formas de fazer a Revolução sobreviver em um mundo hostil (Lima; Rato, 2007). A experiência histórica do país reforça essa construção ideológica, uma vez que enfrentou uma série de ameaças e intervenções externas e ocupações territoriais pela Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética. Ao passo que a deposição do regime de Saddam retirou uma preocupação do regime revolucionário, o quadro geoestratégico advindo aumentou o

17. Se refere às respostas políticas dos Estados Unidos aos atentados terroristas conhecidos como o “11 de setembro”, feitos pelo grupo islâmico extremista Al Qaeda, que envolvia a adoção de uma estratégia de reação militar imediata contra os grupos terroristas e os países do Oriente Médio que mantinham relações com tais entidades. Para mais informações, consultar: RODRIGUES, Alexandre Reis. O 11 de Setembro e a política externa americana. *Relações Internacionais*, n° 3, p. 5-11, set. 2004.

18. Corrente do Islã que acredita que a comunidade muçulmana deve ser liderada por Ali, genro do profeta Muhammad, e seus sucessores.

sentimento de vulnerabilidade de Teerã, que temia ser o próximo alvo dos Estados Unidos (IBIDEM, 2007).

Capacidade Nuclear Iraniana E Suas Consequências Regionais

Entretanto, não se pode resumir o desenvolvimento de um avançado programa nuclear a uma mera questão de sobrevivência. O programa nuclear iraniano faz parte do projeto de hegemonia regional e de expansão de poder (Kam, 2008; Freitas; Lima, 2016). As decisões do governo iraniano no que se refere à forma de utilização do programa nuclear de cunho armamentista não são previsíveis; porém, sabe-se que o projeto de nuclearização da teocracia visa dissuadir o Estado de Israel e manter uma posição dominante no Oriente Médio, o que já configura uma ameaça para seus vizinhos do Golfo e para outros Estados da região (Kam, 2008).

Nesse sentido, o programa nuclear iraniano altera as configurações geopolíticas de poder no Oriente Médio uma vez que, em decorrência da ameaça iraniana, a Arábia Saudita vem se aproximando de Israel, e este normalizou relações com os Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Marrocos e Sudão através dos Acordos de Abraão. Os países do Golfo, assim como o Estado de Israel, temem uma expansão do Irã através do Hezbollah, e com a introdução do elemento nuclear no regime iraniano, o receio de que o Irã se utilize desse poder para reafirmar o comando de táticas terroristas¹⁹ do Hezbollah contra Israel ou contra Bahrein, ou ainda para praticar chantagem nuclear para fortalecer suas ambições hegemônicas é fortalecido (Kam, 2008; Singer, 2021).

O programa nuclear iraniano tem o potencial de desestabilizar a região, desencadeando uma corrida nuclear generalizada, visto que outros países, como Arábia Saudita, Egito e Turquia, irão bus-

19. Neste artigo, utilizaremos como base as definições de terrorismo do cientista político David Rapoport. Rapoport categoriza o terrorismo e as ações de grupos rebeldes em “ondas”, de acordo com o contexto, os padrões de ação e as ideologias. Para o autor, o terrorismo pode ser definido, em especial na primeira onda, como uma estratégia utilizada por grupos rebeldes para alcançar objetivos políticos através da violência extra-normal - ou seja, ações além do previsto nas convenções de guerra - e táticas específicas do contexto para o abalo de estruturas públicas. Enquadramos o Hamas e o Hezbollah na terceira e na quarta onda do terror, a “Nova Onda de Esquerda” e a “Onda Religiosa”, que são caracterizadas, respectivamente, pela combinação do radicalismo com o nacionalismo e pelo uso da religião para justificar os princípios e as ações terroristas dos grupos rebeldes. Para mais informações, consultar: RAPOPORT, David. Quatro ondas do terror e o 11 de setembro. Antropoética, vol. 08, n.1, 2002.

car fazer frente ao poderio nuclear iraniano também desenvolvendo tecnologia nuclear de cunho armamentista. Além da escalada nuclear, os países do Golfo Pérsico temem que um Irã nuclear possa vir a incentivar a militância xiita das suas populações, gerando confrontos internos (Kam, 2008; Lima; Rato, 2007).

Consequências Do Programa Nuclear Iraniano Para O Conflito Com Israel E As Proxy Wars Envolvidas

A República Islâmica do Irã e o Estado de Israel fazem parte de diferentes subcomplexos regionais dentro do Oriente Médio, não têm fronteiras comuns e nem reivindicações territoriais conflitantes diretas. Isso reduz, em certa medida, o potencial de atrito militar direto entre os dois Estados. Em contrapartida, a retórica antisemita de negação do Holocausto do Irã e de considerar Israel como um invasor em território que deveria retornar ao domínio do Islã, além do patrocínio e da manutenção aos grupos islâmicos que praticam atos terroristas contra Israel, fazem do Irã uma ameaça para a segurança de Israel e uma pauta urgente a ser solucionada na política externa israelense (Kam, 2008; Lima; Rato, 2007; Scheindlin, 2017).

Irã e Israel não são iguais em termos militares, pois enquanto Israel gasta 5,4% do seu PIB em segurança, sendo um dos países que mais destina recursos do orçamento para o setor militar segundo dados do Banco Mundial (2020), o Irã gasta 6,8% (correspondendo, entretanto, o PIB deste último a 60% do PIB de Israel)²⁰, e essa assimetria de poder aumenta o potencial desestabilizador da rivalidade. O Irã pode se sentir mais tentado a usar suas capacidades não convencionais de militância para compensar a superioridade militar israelense, fazendo com que Israel se sinta mais vulnerável a ataques apesar da superioridade bélica. A introdução do elemento nuclear iraniano, portanto, traz um caráter ainda mais instável para o conflito, cooperando para o sentimento de vulnerabilidade do Estado de Israel (Rand et al, 2011).

Guerras por procuração já ocorrem entre o Irã e Israel desde a fundação do Hezbollah, durante a ofensiva militar israelen-

20. PIB do Irã: US\$231.5 bi. Gastos Militares do Irã: US\$15,83 bi Porcentagem PIB em gastos militares: 6,8% PIB de Israel: US\$401,9 bi. Gastos Militares de Israel: US\$21,7 bi Porcentagem PIB em gastos militares: 5,4% Para mais informações, consultar: <<https://datos.bancomundial.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD?locations=IR-IL>>

se no Líbano, em 1982, para combater forças palestinas que atuavam no sul do país, com o intuito sírio e iraniano de atacar Israel sem riscos de confronto direto. O Hezbollah foi treinado e armado com patrocínio iraniano e com a cooperação síria, mobilizando xiitas que estavam em território libanês contra Israel. O governo sírio fornece apoio logístico e refúgio no Líbano para o Hezbollah, promovendo atentados terroristas por meio desse grupo contra Israel. Já o apoio de Teerã ao Hamas se concretizou a partir da tomada do controle de Gaza pelo grupo, após as eleições palestinas e a guerra civil²¹ resultante, fornecendo armamentos que desencadearam na Operação Chumbo Fundido²² de Israel, em 2008. O patrocínio do Irã ao Hamas, por sua vez, representa uma estratégia da teocracia iraniana de retardar o processo de paz do conflito Israel-Palestina, e assim evitar uma maior integração de Israel com o Oriente Médio (Byman, 2003; Kam, 2008).

O programa nuclear do Irã tende a projetar a expansão do país para além de sua esfera de influência tradicional, a região do Golfo Pérsico, e aumentar sua presença no subcomplexo do Levante, ao redor de Israel, fornecendo mísseis ainda mais potentes ao Hezbollah, utilizando o território sírio para atacar o Estado de Israel (Rand et al, 2011). O Hezbollah não é um ator independente, obedece ao comentado estratégico do Irã. A maior parte do arsenal terrorista do Hezbollah, particularmente os mísseis de curto e de médio alcance, que podem atingir Tel Aviv a 150 quilômetros da fronteira norte de Israel, são fabricados no Irã e exportados via Aeroporto Internacional de Damasco, na Síria. Daí, o material bélico é transportado em comboios motorizados ao Hezbollah, no Líbano. A inteligência israelense, o Mossad, identifica constantemente oficiais da Guarda Iraniana que estão no terreno libanês, supervisionando as ações terroristas (Pinheiro, 2006). A ampla percepção israelense de que um Irã com capacidade nuclear tentaria expandir sua influência de forma a desafiar diretamente Israel aumenta o risco e o potencial de conflito militar direto (Rand et al, 2011).

21. Confronto entre dois partidos políticos que disputam o controle da Faixa de Gaza, atualmente sob domínio do grupo terrorista sunita Hamas.

22. Ofensiva militar israelense em resposta ao lançamento de foguetes da Faixa de Gaza pelo Hamas em direção ao sul de Israel. Para saber mais, consultar: BONATO, Rafael Augusto da Cunha. No conflito com o Hamas, Israel tem opções limitadas. Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME: Rio de Janeiro. 2021.

Nessa perspectiva, em um contexto contemporâneo, o atual conflito travado entre Israel e Hamas iniciado com a invasão do grupo político terrorista em território israelense para matar e capturar civis e fazê-los de reféns na Faixa de Gaza no dia 7 de outubro de 2023, além de ter contado com o lançamento de milhares de foguetes direcionados para o território israelense, proporcionou, para Israel, efeitos de surpresa nos níveis operacional e estratégico da guerra. De modo simultâneo, enquanto Israel respondia aos ataques do Hamas, o Hezbollah lançava, do sul do Líbano, foguetes e mísseis em direção ao norte de Israel (Moita, 2023).

Tal cenário catastrófico corrobora com o argumento central do presente trabalho, uma vez que os ataques dos grupos paramilitares acontecem, por meio do financiamento bélico do Irã, em meio a um contexto de normalização das relações diplomáticas e de aproximação entre Israel e países árabes do Golfo Pérsico (Moita, 2023). Há também, relatos de fontes de notícias internacionais que atestam que houve o aumento da atividade cibernética iraniana, através de um grupo de hackers vinculados ao Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica, durante os dias antecessores e sucessores à invasão do Hamas, realizando ataques às infraestruturas críticas de transporte, logística e tecnologia de Israel (The Record 2023; Cyberscoop, 2023).

CONCLUSÕES

Partindo do recorte temporal que data a partir da independência do Estado de Israel, tendo como mudança brusca nas relações entre os dois Estados a Revolução Iraniana de 1979, é possível enxergar essa rivalidade, construída historicamente entre os países, sob a perspectiva regionalista da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança, que fornece uma estrutura analítica mais adequada para compreensão da hostilidade existente entre os dois países, que se transforma em um problema de segurança regional.

Nesse sentido, utilizando-se do método qualitativo de análise *process tracing* e tendo como base teórica a TCRS, foi traçada uma análise histórica do surgimento das rivalidades entre Israel e Irã, datando da Revolução Iraniana de 1979 até o contexto atual, que se configura como o ápice dessa rivalidade devido à adição de mais uma variável na análise: a questão nuclear. A ascensão do programa nuclear iraniano, então, potencializa o conflito en-

tre Israel e Irã, transformando-o em um problema de segurança regional e evidenciando o caráter interdependente do complexo regional em pauta de segurança, de modo que problemas de segurança nacional não podem ser solucionados de forma isolada, ou analisados separadamente por Estados de um mesmo complexo. Os Acordos de Abraão e as novas configurações relacionais de poder no Oriente Médio, formadas em decorrência da ameaça iraniana, juntamente com o risco da corrida nuclear generalizada na região expressam essa premissa da TCRS e confirmam a hipótese central do presente trabalho.

Além das consequências regionais da rivalidade, em relação à possibilidade de um embate direto entre os dois Estados, depreende-se que, com o desenvolvimento do seu programa nuclear, o Irã tende a expandir sua esfera de atuação para além do Golfo Pérsico, aumentando sua influência no subcomplexo do Levante através das *proxy wars* já existentes entre Israel e país persa, o que intensifica o potencial de um confronto militar direto, apesar da não existência de reivindicações mútuas conflitantes ou de fronteiras em comum.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Gabriel; CHAISE, Julia. **A Guerra Irã-Iraque: instrumento de consolidação iraniana no Oriente Médio**. São Paulo, outubro de 2014.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Israel versus Irã: Apocalipse now!. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 131, p. 198-215, 2012.
- BENNETT, Andrew; CHECKEL, Jeffrey T. **Process Tracing: From Philosophical Roots to Best Practices** (SWP 21). 2012.
- BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; DE WILDE, Jaap. **Security: A new framework for analysis**. Lynne Rienner Publishers, 1998.
- BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. **Regions and powers: the structure of international security**. Cambridge University Press, 2003.
- BYMAN, Daniel. O Hezbollah deve ser o próximo? **Foreign Affairs**, n. 6, dezembro de 2003.
- COHEN-ALMAGOR, Raphael; GUIORA, Amos. Israel's Democracy and Security. Em: **Routledge Handbook of Democracy and Security**. Londres: Routledge, 2020.
- CYBER OPS LINKED TO ISRAEL-HAMAS CONFLICT LARGELY IMPROVISED, RESEARCHERS SAY. Cyberscoop, 2023. Disponível em: <https://cyberscoop.com/iran-reactionary-opportunistic-hamas-israel/>

DE LIMA, Iana Alves. Técnicas Qualitativas em análises de Causalidade: Aplicações do Process Tracing. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 8, n. 1, 2017.

DE OLIVEIRA, MARIANA DE LIRA TENÓRIO. [GRADUAÇÃO | MONOGRAFIA] **O PAPEL DA INTELIGÊNCIA NA POLÍTICA DE DEFESA DE ISRAEL: UM ES-TUDO DE CASO DO MOSSAD**. Portal de Trabalhos Acadêmicos, v. 5, n. 2, 2018.

FELDBERG, S. A Conjuntura Atual no Oriente Médio: uma visão isralense. **Carta Internacional**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 30–34, 2006.

FERREIRA, Túlio Sérgio Henriques; GALVÃO, Pamella Noemi Rodrigues. O IRÃ DO AIATOLÁ KHOMEINI: UMA BATALHA ANTIOCIDENTAL SOB A ÉGIDE DE DEUS? **Revista Mescla**, v. 1, n. 2, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br/mescla/article/view/4814>. Acesso em: 8 jun. 2022.

IRANIAN IMPERIAL KITTEN HACKERS TARGETED ISRAELI ORGANIZATIONS IN OCTOBER. *The Record*, 2023. Disponível em: <<https://therecord.media/charming-kitten-targeted-israel-cyberattacks>> Acesso em: 05/03/2024.

KAM, Efraim. **Israel e um Irã Nuclear: Implicações para o controle de armas, dissuasão e defesa**. Instituto de Estudos de Segurança Nacional, Tel Aviv, N.º 94, julho de 2008.

KAYE, Dalia Dassa et al. **Israel and Iran: A Dangerous Rivalry**. **RAND Corporation**, 2011. <http://www.jstor.org/stable/10.7249/mg1143osd>. Acesso em: 8 de jun. 2022.

LIMA, Martonio Mont'alverne Barreto; FREITAS, Mateus Oliveira de. PROGRAMA NUCLEAR DO IRÃ E PANORAMA INTERNACIONAL. **Revista Jurídica**, [S.l.], v. 3, n. 44, p. 355 - 380, fev. 2017. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/1920/1268>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

MOITA, Sandro Teixeira. Análise de Situação Conflito Israel x Hamas. **Observatório Militar da Praia Vermelha**. ECEME: Rio de Janeiro. 2023.

PEREIRA, V. A. **A assimetria estratégica Irã-Israel e sua relação com o conflito árabe-israelense**. Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME: Rio de Janeiro, 2021

PAMPLONA, Marco Antônio Villela. **Nação e Revolução no Irã entre 1978 e 1988**. 2007. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

PINHEIRO, Álvaro. Israel, Hezbollah e o Conflito Assimétrico 10.5102/uri.v4i1.269. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 4, n. 1, 2006.

RATO, Vasco; LIMA, Bernardo Pires. **A Encruzilhada Iraniana: Armas Nucleares e Consequências Geoestratégicas**. Nação e Defesa, N.º 117 - 3.ª Série pp. 179-196, 2007.

SCHEINDLIN, Dahlia. Ten Years with Netanyahu. **Berlin: Friedrich Ebert Stiftung**, 2017.

SINGER, Joel. The abraham accords: normalization agreements signed by Israel with the UAE, Bahrain, Sudan, and Morocco. **International Legal Materials**, v. 60, n. 3, p. 448-463, 2021.

SIMON, Steven. **Iran and Israel**. The Iran Primer. 2010. Disponível em: Acesso em: 01 nov 2016.